

**GÊNERO TOADA: UMA DEMOSTRAÇÃO E ANÁLISE DA NOMINALIZAÇÃO
LEXICAL NA CANTIGA URROU DO BOI, DE COXINHO**

***TOADA GENRE: A DEMONSTRATION AND ANALYSIS OF LEXICAL
NOMINALIZATION IN COXINHO'S URROU DO BOI SONG***

Profa. Dra. Maria José Nélo
Universidade Estadual do Maranhão
mariano@uol.com.br

Profa. Nayara da Silva Queiroz
Universidade Federal do Maranhão
nayaraqueiroz01@hotmail.com

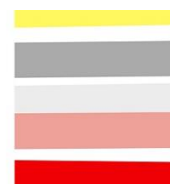
Prof. Gilvan Santos Gonçalves
Universidade Estadual do Maranhão
gilvansantosg@outlook.com.br

87

Resumo: O presente artigo é parte dos resultados de estudos realizados no grupo de pesquisa “Multimodalidade Textual e Ensino” da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), que tem como finalidade em uma de suas linhas de pesquisa estudar a prática de ensino, cultura e língua nas aulas de Língua Portuguesa. O objetivo deste estudo é tratar dos eventos culturais do Maranhão, por meio de enunciados linguísticos ocorrentes em toadas de Bumba Meu Boi. Esses enunciados são caracterizados pela nominalização lexical e desdobramento da historicidade - entretenimento e crenças, cordialidade, religiosidade, identidade cultural e devoção em relação a várias interfaces teóricas, entre as quais a textualização, a lexicologia, a semântica, a expressividade social e o individual. Importa, nessa discussão, reunir estudiosos e pesquisadores que contribuam ou se interessem pelo tema com leituras fundantes para análise e discussões e representações das categorias exemplificadas nos resultados obtidos. A reflexão teórica se fundamenta nos trabalhos de ANTUNES (2012), AZEREDO (2018), BAGNO (2000), CASCUDO (2001), IPHAN-MA (2011), MARCUSCHI (2001), MARQUES (1999) dentre outros que contemplam estudos na relação entre língua, cultura e sociedade. É importante evidenciar ainda que este estudo é parcial, pois faz parte de uma pesquisa mais abrangente sobre a prática de ensino e cultura e língua nas aulas de português; por conseguinte a pesquisa dialoga com outras vozes, olhares. Abre-se, também, um leque de perspectivas para outros estudos sobre o funcionamento da linguagem oral, tão-usual nos folguedos e historicidades das festas juninas maranhenses.

Palavras-chave: Nominalização Lexical; Textualização; Lexicologia; Semântica.

Abstract: *This article is part of the results of studies carried out in the research group “Textual Multimodality and Teaching” of the State University of Maranhão (UEMA), which aims in one of its lines of research to study the practice of teaching, culture and language in Portuguese language classes. The aim of this study is to address the cultural events of Maranhão, through linguistic statements occurring in tunes of Bumba Meu Boi. These statements are characterized by the lexical nominalization*



and unfolding of historicity - entertainment and beliefs, cordiality, religiosity, cultural identity and devotion in relation to various theoretical interfaces, including textualization, lexicology, semantics, social expressivity and the individual. In this discussion, it is important to bring together scholars and researchers who contribute or are interested in the subject with fundamental readings for analysis and discussions and representations of the categories exemplified in the results obtained. The theoretical reflection is based on the works of ANTUNES (2012), AZEREDO (2018), BAGNO (2000), CASCU DO (2001), IPHAN-MA (2011), MARCUSCHI (2001), MARQUES (1999) and others that include studies in relationship between language, culture and society. It is also important to highlight that this study is partial, as it is part of a broader research on the practice of teaching and culture and language in Portuguese classes; therefore the research dialogues with other voices, looks. It also opens a range of perspectives for other studies on the functioning of oral language, so usual in the fun and historicities of the June festivities of Maranhão.

Keywords: *Lexical Nominalization; Textualization; Lexicology; Semantics.*

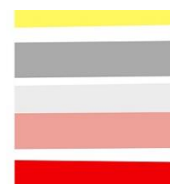
1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*Ê, por favor, presta atenção/ Vou falar da minha terra/ Minha gente, meu torrão/ Das
belezas e encantos/ E do povo do lugar/ Neste caso eu recomendo
Vá depressa visitar...*

88

O presente artigo é parte dos resultados de estudos realizados no grupo de pesquisa “Multimodalidade Textual e Ensino” da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), que tem como finalidade em uma de suas linhas de pesquisa estudar a prática de ensino e cultura e língua nas aulas de Língua Portuguesa. Assim sendo, esta proposição perpassa pela história do evento cultural bumba meu boi no Maranhão e atravessa pelas toadas, composições de cantorias, os efeitos dos fenômenos linguísticos que expressam nos enunciados conhecimentos partilhados como cordialidade, identidade cultural, historicidade explícita e implícita para a construção de significados e sentidos. Assim, recomendamos neste trabalho, por meio da epígrafe, “[...] falar da minha terra / Minha gente, meu torrão [...]”.

Consideramos que a linguagem é veículo comunicativo e interativo nas toadas de bumba-meu-boi, e com a finalidade de percorrer essa linha de discussão, este estudo envolve a toada, que caracteriza uma das manifestações folclóricas do Maranhão. Na linearidade textual da composição, focalizamos as nominalizações reveladas pelos enunciados lingüísticos, que são consideradas canções populares, pois emanam do povo simples e de suas experiências com a lida de atividades de trabalho.



Esses fatores justificam o interesse de investigar nos enunciados linguísticos da toada e evidenciar de que maneira o compositor explicita os implícitos que designam atitudes, modo de ser e agir do povo maranhense. A pesquisa centra-se a partir da função textual da Nominalização que tem por suporte os estudos de Azeredo (2018), os quais designam a nominalização como elemento da construção da coesão lexical nas representações dos papéis semânticos.

Este artigo encontra-se estruturado em seções, desde as considerações iniciais; na primeira seção, destacamos a história das brincadeiras, por meio da toada; na segunda, focalizamos léxico, identidade e cultura; na terceira, ressaltamos as marcas linguísticas de coloquialidade manifestadas na toada, espaço de revelação de uso de expressões populares, próprias da oralidade dos cantadores; na quarta, destacamos os procedimentos metodológicos que nortearam as análises dos resultados; na quinta seção, apresentamos as discussões dos resultados alcançados; seguidas das considerações finais.

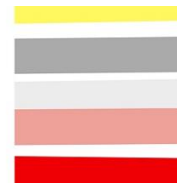
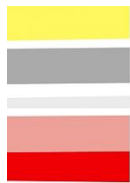
2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DAS BRINCADEIRAS NAS TOADAS DO BUMBA MEU BOI

*São João, Meu São João/ Eu vim pagar a promessa/
De trazer esse boizinho, para alegrar sua festa...*

Nesta seção, faremos as discussões acerca da história das brincadeiras do bumba meu boi, que iniciam com as festas joaninas em Portugal e, por corruptela, junina, no Brasil. No Maranhão, essas festas duram mais de dois meses, embora a elaboração e rituais de preparação perdurem por todo o ano. As manifestações retratam a cultura, as crenças, os ritos, os ritmos e folguedos populares dos maranhenses, chamadas de brincadeiras.

As brincadeiras plasman na materialidade linguística das toadas, eventos da história, da cultura, das práticas sociais e dos saberes populares. Esses eventos são materializados nas recorrências das letras das referidas toadas. Não obstante, é possível entender, que por meio das palavras ocorrentes nas toadas, os campos lexicais e situações comunicativas tornam-se indispensáveis no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

Nesse contexto, para a compreensão do universo das brincadeiras de Bumba meu boi, para muitos estudiosos, esse folguedo maranhense se diferencia dos outros no Brasil. De acordo

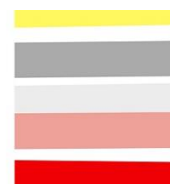


com Cascudo (2001), o primeiro registro desse tipo de manifestação popular surge em 1840 nos estudos do padre pernambucano, Lopes da Gama, no periódico *O Carapuço*, nesse documento há informações de que as primeiras impressões acerca do bumba meu boi imergiram de avaliação negativa, entretanto esse fato não reduziu o interesse de outros estudiosos, tal como concebe Marques (1999), no que tange ao bumba meu boi. Para este autor, a ênfase é que os elementos de crença e personagens no bumba meu boi revelam mitos e rituais dos cultos agrários, dos encantamentos das estórias e lendas, remetem às figuras proferidas por pajés, feiticeiros e evangelizadores, somando-se a essas figurações uma possível intervenção originada de narrativas transmitidas pelos navegantes, os quais objetivavam a disseminação de mensagens entre as classes populares, além de promoverem medo e entretenimento.

Os elementos profanos e religiosos equacionam o dualismo de constituição histórico-sócio-religiosa no Brasil, instaurados pelos jesuítas com anuência da Coroa Portuguesa, pois a representação religiosa cristã, por meio dos autos religiosos, foi incorporada às manifestações cotidianas da história popular. Os interesses jesuítas nessa conjuntura de representações tinham como alvo “domesticar” ou “instruir” o povo indígena. Dessa forma, podemos inferir que há característica peculiar do religioso com a musicalidade, a encenação e a dança nas atividades festivas profanas, cultura popular, que são registradas na literatura trovadoresca da Idade Média e ainda resgatam características de manifestações vicentinas¹ que foram trazidas ao Brasil como herança cultural pelos jesuítas.

Marcados pelas raízes históricas dos religiosos, colonizadores, povos pagãos crenças, ritos, medos compõe-se a cultura brasileira e desta originam-se as histórias e transformações culturais do auto do bumba meu boi no Maranhão. Confirma-se que, a partir das lentes teóricas de Cascudo (2001), Marques (1999) e Reis (2008), o auto do bumba meu boi foi ganhando novas configurações de representatividade na história do povo maranhense, na medida em que, aquele adquire uma identidade particular. Considerando a língua como prática social, essa manifestação ganhou uma dimensão não só cultural, mas traço de identidade, pois o bumba meu boi se confirma como um divertimento e ainda consiste na celebração da vida em comunidade.

¹ Termo que se refere a Gil Vicente, poeta e dramaturgo português. (Séc. XVI)

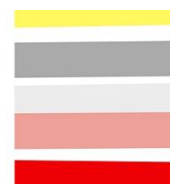
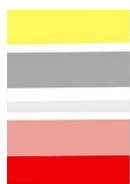


Das festas da colheita de cereais no mês de junho, o bumba meu boi ganha uma nova roupagem, pois o que era apenas uma simples apresentação teatral de personagens que segundo Cascudo (2001), eram o boi, o cavalo-marinho, a burrinha, a urupema e a caipora, que dançavam ao som de simples violas e gritos dos brincantes, agora ganham uma indumentária luxuosa com personagens que representam a sociedade em seu contexto histórico, social e linguístico. Os personagens principais são Pai Francisco, Catirina e índios articulados em uma trama, cujo enredo gira em torno de um pedido da grávida Catirina: comer a língua de um boi mais mimoso da fazenda.

É importante compreender que a manifestação do bumba meu boi retoma o período do ciclo do gado no Maranhão e como tal mantêm as raízes da história dos três personagens já mencionados. A cada ano o enredo vai ganhando novas tramas, mas a essência do rito permanece. Desta forma, no âmbito da manifestação cultural do bumba meu boi no estado do Maranhão, evidenciamos que, em se tratando de cultura popular, essa manifestação cultural é presente em quase todos os municípios do estado. Durante os meses de junho e julho, essa brincadeira se confirma como um grande palco de apresentação dos diversos grupos de bumba meu boi em seus mais variados sotaques², os brincantes com suas belas indumentárias brilhantes compartilham com o público o prazer de dançar, a alegria contagiosa de cantar as toadas e o uso de instrumentos que caracterizam a peculiaridade de cada grupo de boi.

O bumba meu boi no estado do Maranhão foi notificado em jornais locais, como *O Farol Maranhense* e *O imparcial*, que noticiaram as primeiras manifestações de brincadeira de boi, revelando que essa festa é comum em todo o estado, mas cada localidade possui redundante forma de apresentar seu folgado.

²Sotaque é o estilo individual de cada grupo, o seu ritmo característico. Varia de acordo com o gosto estético da concepção, organização e formas de apresentação. Existem cerca de cinco sotaques, organizados de acordo com os instrumentos utilizados, a batida, as roupas e a dança. São eles: a) Zabumba ou Guimarães, no qual a participação africana é acentuada; b) Matraca ou da Ilha, no qual os elementos lembram os rituais indígenas; c) Orquestra, com marca acentuada do conteúdo europeu; d) Pindaré e Viana, também conhecido como sotaque de Pandeirão, oriundos da Baixada Maranhense, possuem batida parecida com o sotaque de Matraca, mas com roupas diferentes; e) Cururupu: sotaque da região de Cururupu, diferente de todos os já mencionados. (MARQUES, 1999, p. 86-87) O sotaque de orquestra aparece no século XX, como uma criação espontânea da região do Munin, mas já com características de uma produção especializada, assemelhando-se às danças europeias na música, no ritmo, nas coreografias, na organização dos pares, na utilização de instrumentos de sopro e de percussão, e na variedade, riqueza e sofisticação das roupas e ornamentos” (MARQUES, 1999, p. 195).



A categorização do folguedo é definida pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como uma festividade que, além de abarcar as particularidades de cada região, assinala a presença de três etnias (africana, indígena e branca), o que orienta e direciona pesquisas e estudos sobre a presença dessa manifestação no estado³.

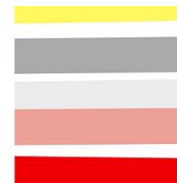
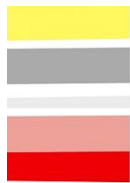
Essas brincadeiras são indicadoras de diferenciação, isto é, conforme a representatividade das diferentes localidades do Maranhão e de acordo com essas distinções, estão localizadas nas seguintes regiões:

- a) O africano- considerado o mais amplo e encontra-se por todo estado;
- b) Zabumba- encontrado na região de Itapecuru-Mirim e Cururupu;
- c) Bois de matraca e sotaque da baixada- Ilha de São Luís, região do Vale do Pindaré e toda região da Baixada maranhense, com destaque para os municípios de Pindaré-Mirim e Viana;
- d) Bois de Orquestra- Ilha de São e toda região do Munin, com destaque para o município de Morros, Rosário e Axixá.

Esses grupos se encontram espalhados por todo o estado, possuem algumas similaridades musicais e se reúnem anualmente respeitando o calendário de festas populares dos santos católicos, nessas festas evidenciam-se a dualidade entre o sagrado e o profano, assim também como a passagem do terreiro (espaço de manifestação de matrizes africanas) ao espaço público.

No bumba meu boi maranhense, durante as apresentações, as toadas seguem uma sequência que vai da abertura da apresentação, nominalizada de GUARNICÊ, que caracteriza a chamada de preparação dos brincantes; seguida da expressão LÁ VAI, toada de aviso que o boi está a caminho; CHEGADA, refere-se à licença de chegada do boi; PELA LOUVAÇÃO, remete à toada temática de destaque do ano em curso; URROU, encerra a apresentação do boi em destaque; PIQUES, indica provocações de desafios para o boi que irá se apresentar no mesmo arraial. Contudo, essas informações são sutis para quem desconhece esses passos de

³Cf.: IPHAN, 2011, p. 102



apresentação.

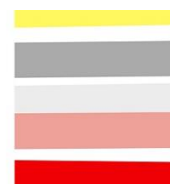
É interessante ressaltar que durante o período de preparação e ensaios das brincadeiras, toda comunidade se envolve nos preparativos e nas apresentações públicas, confeccionando indumentárias e ainda participando como brincantes- dançarinos. É evidente que o bumba meu boi envolve diretamente crianças, jovens, adultos e idosos, os quais juntos formam um batalhão cultural.

Segundo Reis (2008), essa manifestação cultural é de grande relevância que aconteça todos os anos, pois isso marca o rito de passagem para permanência do bumba meu boi na cultura maranhense. Afirma ainda que tal manifestação por ser tão tradicional e por se encontrar presente na vida das pessoas, já é marcador de identidade cultural de um povo, assim observável na seção seguinte.

3 LÉXICO, IDENTIDADE E CULTURA

Nesta seção, situamos a concepção de léxico como “um conjunto relativamente extenso de palavras, à disposição dos falantes, as quais constituem as unidades de base com que construímos o sentido de nossos enunciados” (ANTUNES, 2012. p. 42). Entendemos que nos enunciados das toadas de bumba meu boi o léxico sinaliza marcas de identidade, costumes, e práticas sociais do maranhense, tendo em vista que o componente lexical recobre diferentes funções sociais dos brincantes, das distinções entre os bois e das peças com que se vai tecendo a rede de significados das palavras no texto das toadas e nexos com que se constroem a cadeia textual da língua em uso.

A língua em uso, neste estudo, se constitui como um dos instrumentos de interação sociocomunicativa de que o ser humano dispõe para se relacionar em diferentes práticas sociais. Assim, podemos conceber o léxico como um elemento aglutinador da sociedade e dos valores da comunidade linguística. Nesse sentido, é por meio da relação língua/sociedade, que evidenciamos o caráter dinâmico da língua e, por meio dessa relação, confirmamos nossa identidade como indivíduos pertencentes a um grupo social. Cabe inferir, ainda, que a língua de uma determinada comunidade surge e se constrói com base no modo como essa comunidade



vê o mundo; edifica a história e a cultura em dinâmicas constantes aos processos comunicativos da comunidade. Nesse compasso situamos o léxico.

Na visão de Câmara Júnior (1972, p. 267), é possível afirmar que,

A língua pode ser considerada como uma parte da cultura inseparável, que resulta no meio para operar e substituir, implicando a necessidade de conhecer a história da língua, os costumes ou habitat de uma comunidade e observando as particularidades.

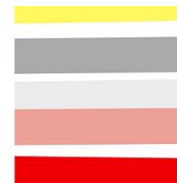
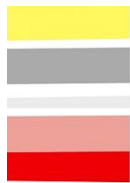
Reafirmamos que o sistema de valores, as práticas socioculturais da comunidade, a ideologia e os costumes são refletidos no léxico reiterado por Câmara Júnior (1972), cuja língua é parte inseparável da cultura e recurso que identifica e define uma comunidade. É por meio dessa interação que é possível conceber o léxico como uma ligação entre a comunidade linguística e a sua história cultural.

O léxico, como um conjunto de práticas sociais, materializa-se por meio de realizações verbais presentes no cotidiano dos indivíduos e reflete os traços culturais de uma comunidade linguística. Vilela (1994, p. 6) concebe que,

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a atividade extralinguística e que arquiva o saber linguístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos, crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade.

Participam dessa integração de elementos internos e externos da língua e seu variado léxico Vilela (1994, p. 6), Oliveira e Isquardo (2001, p. 9) afirmam que “[...] o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. [...], na medida em que o léxico recorta realidades de mundo, define, também, fatos de cultura.” O léxico, pois, é um reflexo social: com ele identificamos a realidade que nos cerca, assim concretizando-se a relação língua, léxico e sociedade.

Assim, diante da teia que tecemos ao longo de nossa vida e retomando a noção de que é na experiência cotidiana e em meio à interação com outros indivíduos que armazenamos em nossa memória novas palavras que possibilitam (re)construímos nosso acervo lexical individual



é que concebemos o léxico como campo aberto e dinâmico. Assim, durante o processo de aquisição da linguagem, o léxico se configura como um campo que jamais cessa, ou seja, ele se encontra sempre em construção.

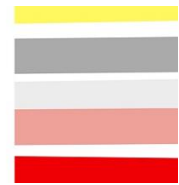
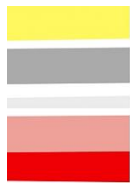
Nesse caminho, entendemos que o léxico de uma língua funciona como um veículo que transporta e carrega marcas de práticas sociais capazes de considerar um universo de identidades culturais, favoráveis à construção e promoção de saberes variados em um grupo social.

3.1 Marcas de coloquialidade e escrita

*Quando eu cheguei no terreiro/ A poeira levantou
Eu gritei arrocha, arrocha/ Foi aí que o bicho pegou/
Seu diretor preste atenção/ Repara que eu to te avisando...*

A linguagem coloquial é uma variante espontânea, utilizada nas relações informais entre dois ou mais falantes. A utilização dessa linguagem em textos escritos é resultado de uma prática social que acontece com frequência ao se estabelecer um diálogo, este fenômeno tem preocupado alguns gramáticos e ao mesmo tempo deixado felizes publicitários, músicos, folcloristas e humoristas que veem nesta prática linguística e comunicativa a possibilidade de deixar de lado a gramática normativa e se aprofundar em uma linguagem mais acessível, espontânea, moderna e atual. O uso da linguagem coloquial ou informal é de fato uma característica da própria evolução de uma língua, uma vez que esta não está dentro de uma caixa fechada, mas livre para que seus usuários a manipulem e dela façam uso com a responsabilidade de que é uma ferramenta para se compreender o outro e fazer-se compreendido por ele, pois vivemos em sociedade plural e não letrada que, muitas vezes, não tem acesso a boas práticas de leitura e escrita.

Alguns linguistas, como Bagno (2000), enfatizam que existem basicamente duas modalidades de língua, ou seja, duas línguas funcionais. Uma é a língua em sua modalidade culta, ou língua-padrão, que compreende a língua literária e tem por base a norma culta, forma linguística utilizada pelo segmento mais culto e influente de uma sociedade. E a outra modalidade é a linguagem coloquial, falada no dia a dia e sem preocupações com as normas



que constam nas gramáticas.

A linguagem coloquial, segundo Mello (2009, p. 23), “[...] vem de *colloquium*, que, em latim, significa “conversa”. Uma linguagem falada, que usamos para conversar, para nos comunicar no dia a dia, descontraidamente, sem preocupações com a norma culta da língua, não havendo, portanto, o compromisso ou a obrigação de falar corretamente”, ou seja, é a linguagem despreziosa do cotidiano, sem observações profundas quanto às normas gramaticais. Os coloquialismos partem daquilo que o falante já domina e tem como ferramenta de transmissão de informações.

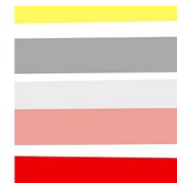
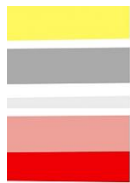
O uso dos coloquialismos na escrita e na fala surge em contraponto à linguagem culta, língua que se caracteriza pela obediência das normas gramaticais. A linguagem oral de forma alguma pode ser considerada errada, pois ela é uma variação linguística, utilizada sob determinados contextos. A fala é um recurso mais prático, rápido e seu objetivo é um só: transmitir uma mensagem. Dessa maneira, a oralidade tem como principal característica a aproximação entre locutor e receptor para que haja uma maior interação e assimilação da mensagem e a forma que ela será transmitida.

No processo de adequação da linguagem, diferenciar e caracterizar a língua culta e coloquial é imprescindível, pois a confusão entre elas causa prejuízos tanto para a produção textual quanto para a comunicação de forma geral. Isso ocorre porque o coloquialismo é espontâneo e informal. É uma expressão própria da fala.

Segundo Marcuschi (2001), a fala e a escrita possuem os mesmos traços: dialogicidade, usos estratégicos, funções interacionais, envolvimento, negociação, situacionalidade, coerência e dinamicidade. Entretanto, as diferenças entre oralidade e escrita devem ser vistas da perspectiva de uso e não como características peculiares.

Conforme Saussure (2002, p. 16), as modalidades da língua oral e escrita, ainda que pertença ao mesmo sistema, ambas são apenas parcialmente semelhantes. Basta cada indivíduo analisar o próprio uso da linguagem e observar que a língua escrita não dispõe dos recursos contextuais, como expressões faciais, gestos, entonação, que enriquecem a oral. Ao escrever, precisam-se seguir mais rigorosamente as exigências da língua padrão, porque o interlocutor está distante e é necessário garantir a sua compreensão.

Desse modo, a escrita não é a simples transcrição da fala, é também uma continuação



da própria da comunicação humana. Assim sendo, podemos entender que as variáveis apresentadas na fala e na escrita interferem na produção dos textos falados e escritos, como acontece nas conhecidas toadas (gênero cantado sem forma fixa, que se espalha por todo o Brasil, distinguindo-se pelo caráter melodioso e dolente) em que o poeta (cantador) utiliza-se de variadas expressões coloquiais, demonstrando um repertório linguístico rico e regional, cantando e louvando sua identidade. Seu texto, entoado de modo cadenciado e claro, é normalmente curto, narrativo e estruturado na forma de estrofe e refrão, podendo ser amoroso, lírico ou cômico-lamento e o cantador descreve, por meio da musicalidade a alegria de viver, a dor e a nostalgia em falar de sua gente.

O Bumba-meu-boi é um dos principais traços da cultura maranhense, repleto de aspectos religiosos, ritualísticos, musicais e teatrais. A manifestação é capaz de emocionar qualquer um que participa – como brincante ou espectador – e tem contato com os ritos e, sobretudo, com as toadas cantadas e tocadas que dão ressignificação à cultura maranhense.

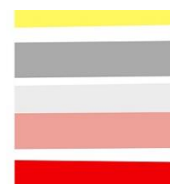
4 METODOLOGIA

O vento buliçoso balançava teus cabelos...

A linguagem é vetor comunicativo e interativo nas toadas de bumba-meu-boi, por conseguinte abordam discussões de interesse nesta pesquisa, que visa a análise de enunciados explícitos na linearidade das toadas, os quais podem evidenciar conhecimentos partilhados como a cordialidade, identidade cultural, religiosidade, historicidade e personalidades (históricas e dos brincantes).

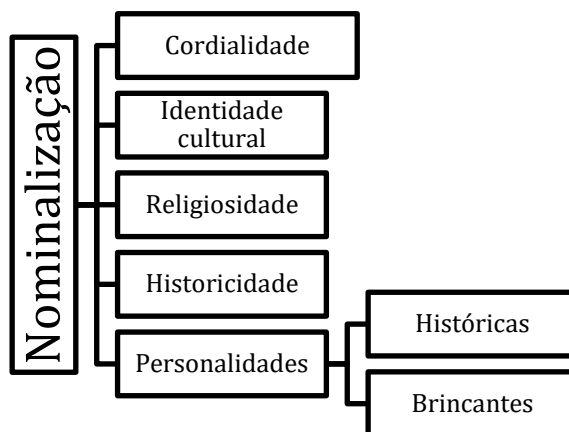
Dos enunciados, procede-se a segmentação das toadas por elementos de segregação grupal, isto é, por complexo de expressões enunciativas ocorrentes no gênero toada, foco da caracterização da pesquisa por efeito de Nominalização. Segundo Azeredo (2018), a nominalização desempenha melhor a construção da coesão lexical nas representações dos papéis semânticos em diferentes condições de uso.

Em vista desses movimentos de organização textual e a caracterização do estudo, e compreendendo a delimitação da estratégia de análise dos dados, escolhemos a toada “*Urrou*



do Boi “do boi de Pindaré, de autoria do mestre Coxinho⁴, que foi segmentada de acordo com as categorias de análise. Dessa forma, as categorias foram distribuídas por meio de enunciados que remetem à nominalização das categorias assinaladas no organograma.

Figura 1 - Categorias de nominalização



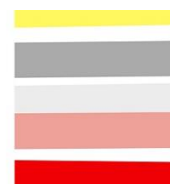
FONTE: Dados trabalhados pelos autores.

Uma vez definidas as categorias de análise, nossa atenção deteve-se em evidenciar como essas nominalizações investigadas carregam bagagens de significados e sentidos que marcam e identificam a cultura de um povo. Dessa forma, traremos à luz a representação social da língua, a partir de um conjunto de lexias que formam uma grande colcha de retalhos que associam e inter-relacionam as expressões linguísticas enunciadas na toada, em que nossa própria voz se soma a outras e juntas formam um grande tecido lexical de experiências de mundo em que todos somos cultura e história. Portanto, língua, cultura e identidade são tessituras necessárias à nossa análise de nominalização e compreensão do léxico da toada maranhense *Urrou do boi*, suporte das discussões levantadas e discutidas ao longo de todo texto.

5 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Veja como é tão bonito/ Quando a lua vem surgindo/ E começa a clarear...

⁴ Mestre Coxinho, cognome do autor da composição que respeitou e enfatizou as manifestações culturais juninas no Maranhão.

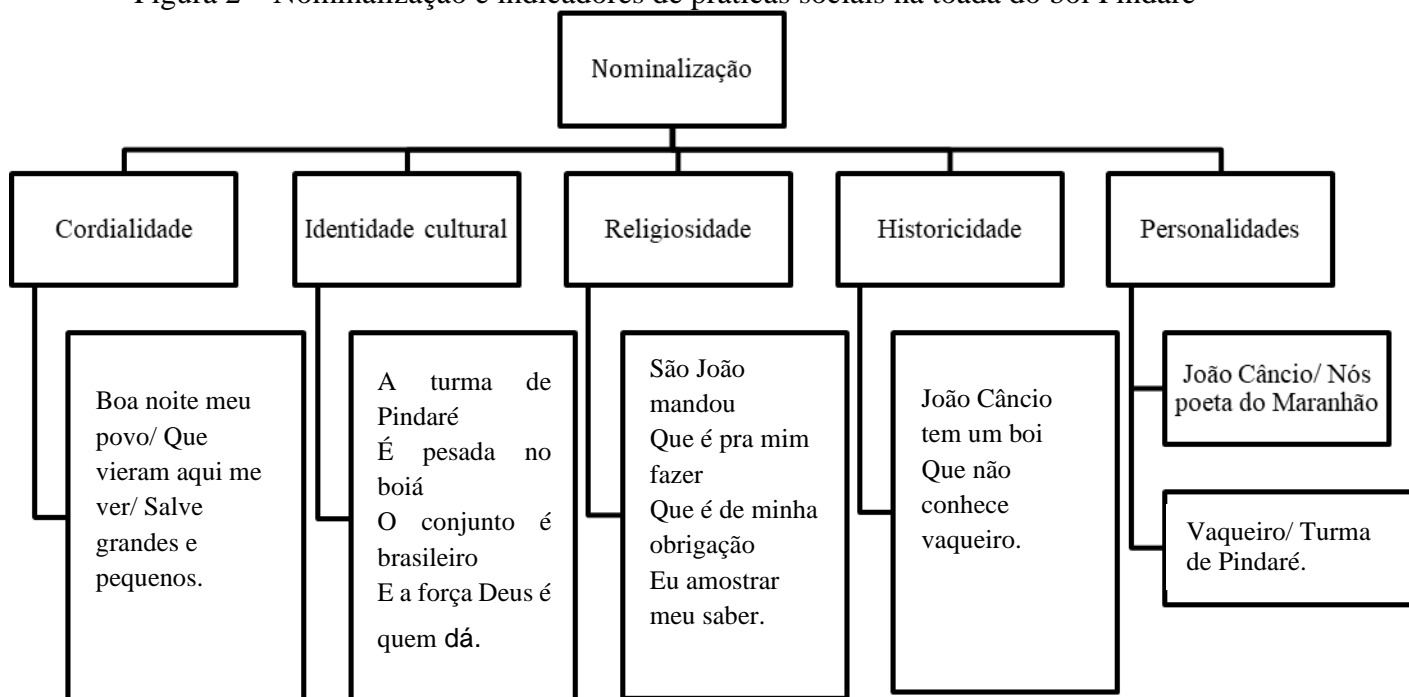


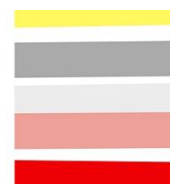
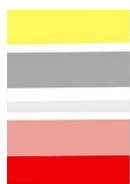
O material de análise compreende a toada do bumba meu boi selecionada para orientar a descrição linguística que está relacionada a modelos teóricos e metodológicos que propiciam visões diversificadas para a pesquisa linguística que são revistas pelo levantamento de formas, no uso efetivo das toadas que expressam contextos discursivos de identidade cultural do maranhense.

Nessa perspectiva, temos por objetivo a nominalização de expressões explícitas na toada *Urrou do boi*, como forma de avaliação socio-cognitiva que estabelece relação das expressões linguísticas suas respectivas coloquialidades. Nesse sentido, compreendemos que esses implícitos culturais têm raízes históricas, embora haja modificações na contemporaneidade e em cada toada do folguedo. Como exemplo, segmentamos para efeito de análise a toada “*Urrou do Boi*” do boi de Pindaré.

A composição ora em destaque está categorizada por elementos que remetem à nominalização de acordo com os indicadores enunciativos de cordialidade, identidade cultural, religiosidade, historicidade e personalidades (personagens do auto do boi), seguindo os rituais e tradições como forma de crenças sociais do maranhense.

Figura 2 – Nominalização e indicadores de práticas sociais na toada do boi Pindaré





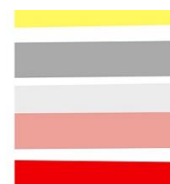
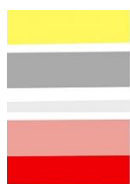
FONTE: Dados trabalhados pelos autores.

Resgatando a sequência de apresentação das toadas, a figura 2 destaca as incidências de nominalização desde a apresentação: saudação (Guarnicê) e cumprimento cordial do cantador ao apresentar-se ao público, seguido dos ritos de despedida, chegada do boi, louvação, em que cultura, identidade do povo maranhense se mistura à religiosidade, à historicidade de seus principais personagens da literatura: personalidades que são identificados por diferentes papéis sociais.

A seguir, evidenciamos o recorte das categorias de análise segundo os sentidos dos enunciados e os da enunciação representados em seus papéis semânticos- textuais da nominalização no *corpus* delimitado.

Figura 3 – Nominalização, enunciados e papéis sociais

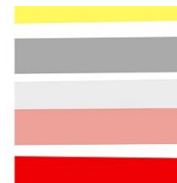
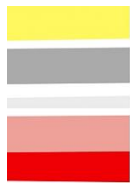
Nominalização	Enunciados	Papeis semânticos
Cordialidade	Lá vem meu boi urrando, subindo o vaquejador, deu um urro na porteira, meu vaqueiro se espantou, o gado da fazenda com isso se levantou. Urrou, urrou, urrou, urrou meu novilho brasileiro que a natureza criou Boa noite meu povo Que vieram aqui me ver Com essa brincadeira	Apresentação da brincadeira;
Identidade religiosidade	Viva Jesus de Nazaré E a Virgem da Conceição Viva o Boi de pindaré Com todo seu batalhão São Pedro e São Marçal E meu senhor São João Viva as armadas de guerra Viva o chefe da nação Viva a estrela do dia São Cosme e São Damião	Crenças, mitos, natureza e louvor aos chefes da nação.



Identidade cultural	Trazendo grande prazer Salve grandes e pequenos Este é meu dever Saí pra cantar boi bonito pro povo ver São João mandou Que é pra mim fazer Que é de minha obrigação Eu amostrar meu saber Urrou, urrou, urrou, urrou meu novilho brasileiro que a natureza criou Brincadeira (folgado)	Qualidade do que é próprio do lugar;
Historicidade	Boi, caiado de preto e branco, gado, tourino Fazenda e Porteira	História pagã e hagiologia
História e personalidades dos brincantes ao chegar para uma apresentação	Meu povo preste atenção Nós poeta do Maranhão Que canta sem ler no livro Já tem em decoração Todo ano mês de junho Temos por obrigação De cantar toada nova Em louvor de São João	Personalidades e entretenimento

FONTE: Dados trabalhados pelos autores.

Os resultados representam uma amostra a partir da qual podemos evidenciar, nos elementos esquematizados por nominalização, enunciados e papéis semânticos que se distribuem por cordialidade, identidade religiosa, cultural, historicidade e personalidades que movimentam a narrativa da toada. Observamos que a composição é intermediada pela transição da sequência narrativa e encerrada com a apresentação do folgado “*Urrou, urrou, urrou, urrou/ meu novilho brasileiro/ que a natureza criou*”; como um convite para outro grupo de bumba meu boi apresentar o próximo espetáculo.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Eu já vou saindo devagar/ Vou levando meu batalhão/ Já brinquei no
seu terreiro/ Satisfiz o seu desejo/ Consolei teu coração/ Maioba está
em festa com o povão/ Brincando, dançando, pedindo bis...*

No fim deste percurso, há considerações que devem ser destacadas sobre as nominalizações que designam a brincadeira de folgado na toada de bumba meu boi no Maranhão. A toada analisada reflete eventos da história, identidade cultural, crenças, ritos, ritmos e práticas sociais dos saberes e fazeres populares.

No que se refere à teoria e à metodologia, estas foram imprescindíveis para elaboração das análises e discussões apresentadas acerca da toada do mestre Coxinho, que por sua vez, cantou e encantou as toadas maranhenses de bumba meu boi. Remetendo-se, assim, a marcas enunciativas de conhecimentos partilhados pela cordialidade, identidade cultural, historicidade explícita e implícita para a construção de significados e sentidos no ensino e aprendizagem de língua e cultura nas aulas de português.

Este estudo é parcial, pois faz parte de uma pesquisa mais abrangente sobre a prática de ensino, cultura e língua nas aulas de português; por conseguinte a pesquisa dialoga com outras vozes, olhares...

“Adeus moça, não chora...”

Referências

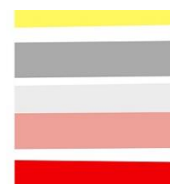
ANTUNES, Irandé. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

AZEREDO, José Carlos de. *A linguística, o texto e o ensino da língua*. São Paulo: Parábola, 2018.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. São Paulo: Loyola, 2000.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 47. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2001.



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão. Dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Luís: Iphan/MA, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da Fala para a Escrita: atividades de Retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARQUES, Francisca Éster de Sá. *Mídia e experiência estética na cultura popular: o caso do bumba-meu-boi*. São Luís: Imprensa Universitária, 1999.

MELLO, Nelson Cunha. *Conversando é que a gente se entende: dicionário de expressões coloquiais brasileiras*. São Paulo: Leya, 2009.

OLIVEIRA, Ana Maria Pires de Oliveira; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.p. 9-11.

REIS, José Ribamar Sousa dos. *Folgedos e danças juninas do Maranhão*. São Luís: Gráfica Universitária/UFMA, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

VILELA, Mário. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

Recebido em: 29 de maio de 2019.

Aprovado em: 02 de julho de 2019.